

Holocausto negro¹:
interseções entre comunicação e psicanálise para um estudo de caso do
“holocausto brasileiro”

Lucas Daniel da SILVA²
Ana Paula Campos LIMA³
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente trabalho objetiva compreender e avaliar os fatos descritos no livro-reportagem de Daniela Arbex a partir de uma perspectiva afrocentrada. Pretende-se investigar as ligações entre a sanidade mental e a vulnerabilidade social negra através do prisma dos estudos referentes à raça, ao racismo e à sanidade mental; tem-se o intuito de avaliar as conexões entre a subalternidade proveniente dos processos coloniais e imperialistas (racismo estrutural) com conceitos como sofrimento, loucura, solidão.

Palavras-chave: Raça; Saúde mental; Racismo; Holocausto brasileiro.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de indagações e questionamentos provocados pelo contato com textos relacionados às iniquidades sociais, mais especificamente, aos trabalhos referentes à raça por meio da disciplina eletiva “Epistemologias Negras”⁴; além do contato com conhecimentos e experiências, nessa mesma linha, propiciados pelo projeto de extensão Obmídia⁵ (Observatório de Mídia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE). Outra grande contribuição para a formulação deste presente artigo foi a disciplina obrigatória “Psicologia da Comunicação”⁶, ministrada por Patrícia Horta

1 Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

2 Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: Lucasdanieltd1998@gmail.com

3 Orientadora do trabalho e professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (DECOM/UFPE). E-mail: aparmorial@yahoo.com.br

4 Disciplina ministrada pelo Doutorando em Comunicação Social (PPGCOM/UFPE) Rafael Queiroz e pelo ex-professor, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Lepê Correia, no semestre 2018.2. (Orientação do Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGOM), Thiago Soares)

5 O Observatório de Mídia – Gênero, Democracia e Direitos Humanos, é um projeto ligado ao Departamento de Comunicação da UFPE (DCOM), o qual possibilita a produção de um importante acervo com análises sobre a ação da mídia em Pernambuco e no Brasil. Para mais informações ver: <<http://www.obmidia.org/>>.

6 Disciplina ministrada no semestre 2017.2 no Departamento de Comunicação (DCOM/UFPE).

Alves⁷, a qual teve como recorte sanidade mental alinhada à luta antimanicomial através do lugar da comunicação.

Pretende-se, neste artigo, comentar sobre as ligações entre a sanidade mental e a vulnerabilidade social negra através do prisma dos estudos referentes à raça, ao racismo e à sanidade mental; tem-se o intuito de avaliar as conexões entre a subalternidade proveniente dos processos coloniais e imperialistas (racismo estrutural) com conceitos como sofrimento, loucura, solidão etc.

Nesse sentido, é válido destacar que a população negra brasileira se mostra como um dos grupos mais vulneráveis da sociedade contemporânea. Observa-se a quantificação, as fundamentações e a dimensão dessas últimas assertivas por meio dos dados apresentados na última síntese de indicadores sociais feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

Nesse cenário, também é importante mencionar o histórico que a população negra tem com a relação raça/suicídio, raça/sanidade mental, assim como aponta Lorenzo (2005), Oda e Oliveira (2005), decorrentes dos já referidos processos de subalternização provenientes da escravidão. Esse histórico se configura, portanto, em uma perspectiva estrutural, como outra manifestação da vulnerabilidade social negra.

Além disso, isso é evidenciado quando nos deparamos com a quantidade de jovens negros que morrem: o atlas da violência indica que a morte de jovens negros aumentou 23%, em 10 anos (IPEA, 2018). Outros indicativos dessas vulnerabilidades são os índices de pobreza multidimensional e pobreza monetária com o recorte racial (IBGE, 2017); o comparativo entre o número de violências com mulheres brancas contra mulheres negras: enquanto o Brasil matou menos mulheres brancas (queda de 8%), os homicídios entre as mulheres negras aumentou 15,4% em relação às pesquisas anteriores (IPEA, 2018).

O presente artigo se dedica, portanto, a identificar como os processos de sofrimento, tristeza, depressão, solidão etc. se relacionam com os procedimentos de implementação do modelo brasileiro de escravidão, às relações de poder no que concerne à raça, ao racismo estrutural etc.

⁷ Doutora e Mestra em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Ex-professora do Departamento de Comunicação e ex-coordenadora do curso Comunicação Social - Rádio, TV e Internet.

METODOLOGIA

O ensaio objetiva compreender como a subalternidade afeta a psique de homens e mulheres negras através de um estudo de caso dos acontecimentos no manicômio da cidade de Barbacena, o “Colônia”, descritos pelo livro-reportagem de Daniela Arbex (2013), por meio de discussões teóricas de autores(as) negros(as), logo, portanto, discussões afrocentradas.

A análise se desenvolve em dois estágios: 1. a tentativa de sintonizar os discursos de racismo estrutural com a perspectiva psicanalítica 2. Avaliação dos acontecimentos descritos em o “Holocausto brasileiro” por meio do conhecimento construído por autores(as) negros(as).

Nesse sentido, o conceito de raça e o de corpo presente, respectivamente, nas obras de Neusa Souza Santos (1983) e Fanon (2008) serão as principais conceituações para análise dos acontecimentos do livro “O holocausto brasileiro”. Estes dois últimos compondo os autores afrocentrados bases para a análise do livro de Arbex (2013).

Pretende-se a partir de um estudo de caso do livro de Arbex (2013) ao moldes de Robert K. Yin (2001) articular essas conceituações afrocentradas e, por conseguinte, sistematizar e avaliar, de certo modo, o ser humano negro, sua psique e o racismo estrutural e estruturante das subalternidades e iniquidades sociais no que também tange a saúde mental.

Para Prodanov e Freitas (2013, p. 53), além de registrar, analisar, classificar e interpretar os fenômenos estudados, as pesquisas explicativas “têm como preocupação central identificar seus fatores determinantes” (PRODANOV; FREITAS, p. 53, 2013). Nesse sentido, o presente trabalho se identifica com a pesquisa explicativa como abordagem teórica-metodológica para a análise de Arbex (2013).

Observou-se na pesquisa explicativa uma abordagem teórica e metodológica interessante na aproximação com os objetos de estudo, dado que ela “apresenta como objetivo primordial a necessidade de aprofundamento da realidade, por meio da manipulação e do controle de variáveis” (PRODANOV; FREITAS, p. 53-54, 2013).

A escolha do “Holocausto brasileiro” serve como exemplo das estruturas de poder; da subalternidade de grupos e suas as implicações; de como se dá e manifesta o poder e a perversidade sobre as minorias políticas. Ao observar o que aconteceu com essas pessoas negras nos eventos no “Colônia” fazemos um paralelo com as atuais

violências e violências simbólicas que acontecem com os mesmo seres na contemporaneidade.

2. O “COLÔNIA” EXEMPLO-MOR DAS VULNERABILIDADES MENTAIS E SOCIAIS DO SER NEGRO NO BRASIL

O “Colônia”, manicômio da cidade de Barbacena, foi um local de penúria, dor e sofrimento. Várias pessoas de cores e idades diferentes durante o período 1903 a 1980 morreram. Avalia-se, no entanto, que as mortes chegam ao número de 60 mil mortos (ARBEX, 2013), um verdadeiro genocídio. É válido, nesse contexto, evidenciar a quantificação das pessoas negras observável no trabalho de Toledo (2008). Truffi (2013) indica que o Colônia foi inaugurado em 1903, mas o período de maior barbárie aconteceu entre 1930 e 1980, quando pessoas eram internadas/institucionalizadas sem terem sintomas de loucura ou insanidade.

O livro-reportagem de Arbex (2013) aponta que cerca de 70% das pessoas não tinham diagnóstico de doença mental. O espaço de acolhimento e tratamento da sanidade mental das pessoas fora utilizado como depósito para colocar pessoas indesejadas socialmente, como gays, negros, prostitutas, alcoólatras (ARBEX, 2013). A institucionalização utilizada, nesse cenário, como obliteração de alguns indivíduos dos espaços de socialização.

As discussões de saúde mental alinhadas à luta antimanicomial trazem, no entanto, debates de extrema pertinência no que concerne às relações de poder (quando se entende, por exemplo, os processos de escravidão, de sua implementação, estruturação e de suas ramificações em nossa sociedade).

Logo, nesse contexto, para entender os processos de sofrimento e os prejuízos do racismo para a psique (seja no nível individual ou coletivo), também é necessário compreender as dinâmicas das relações assimétricas, de poder. Um dos pressupostos da Psicologia social, por exemplo, é a ideologia (NEVES, 2013). Nesse sentido, o presente trabalho compartilha da noção de ideologia na perspectiva de Thompson (1995), isto é, a ideologia como manutenção das relações de poder.

O manicômio chamado “Colônia” é nada mais que um exemplo-mor de inúmeras atrocidades históricas impingidas contra aqueles subalternos, socialmente marginalizados, ideologicamente inferiorizados, simbolicamente estigmatizados. Esta

discussão se atem somente ao fator Raça como um conceito puramente ideológico sintonizado com o ponto de vista de Souza (1983).

Os acontecimentos na Instituição mineira, da cidade de Barbacena, reverberam um histórico brasileiro no que concerne à raça. Esse espaço se configurou (até a reforma psiquiátrica) como um celeiro de silenciamento, um arcabouço de despejo e de higienização, um local para acolhimento dos marginalizados, muito embora tal “acolhimento” esteja longe do significado atualmente empregado para esse signo/conceito.

Nesse contexto, o objetivo do presente ensaio ao escolher esse evento da história brasileira para comentar sobre o conceito de Raça somado com o de subalternidade alinhado à saúde mental se torna mais claro. O racismo com suas estruturas ideológicas, no sentido proposto por Thompson (1995), e de poder, no sentido mais material (de violência mais tangível), opera ocasionando uma série de prejuízos mentais a população negra, afrodescendente.

As violências feitas na instituição são exemplos das muitas violências de caráter histórico e estrutural, no Brasil. A concentração de violência e morte na população negra não pode ser encarada isolada dos fatores e condições históricas da construção das relações do nosso país. Segundo pesquisa do IPEA (2017, p. 40), “em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%)”.

Uma das principais facetas da desigualdade racial no Brasil é a forte concentração de homicídios na população negra. Quando calculadas dentro de grupos populacionais de negros (pretos e pardos) e não negros (brancos, amarelos e indígenas), as taxas de homicídio revelam a magnitude da desigualdade. É como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos. (IPEA, 2018, p. 40).

A análise do racismo com o recorte saúde mental, através do estudo de caso de Daniela Arbex (2013), se torna propício na medida em que compreendemos a institucionalização de homens, mulheres e crianças de cor ocorrida em Barbacena como manifestação das estruturas de poder as quais são estruturantes para a psicopatologização do ser negro.

2.1 O CORPO, MENTE E PODER

A conceituação de corpo se delimita como uma espaço e/ou território individual de cargas significativas para os debates referentes à raça, quando se percebe que ele é a chave das articulações de desigualdades e iniquidades sociais; logo, observar o corpo no âmbito político é uma inerência das conceituações afrocentradas bem como deste trabalho. O corpo negro é central quando se fala em iniquidade sociais haja a vista que o tal é delimitador para a discriminação de cor.

Para Foucault (1987), o corpo está imerso em um campo político; ele está ligado às relações de poder e dominação por um investimento políticos relacionados à sua utilização econômica. Isso é (literalmente) evidenciado no caso do “Colônia” quando lembramos das vendas dos corpos dos institucionalizados (ARBEX, 2013).

Em um primeiro momento, Foucault (1987) constrói sua investigação/sistematização sociohistórica do deslocamento comportamental dos métodos punitivos direcionando seu pensamento para o corpo. Segundo Foucault (1987), o corpo é a figura central desses processos punitivos. Nas nossas sociedade “disciplinares”, os sistemas de punição devem ser recolocados no que ele chama de “economia política do corpo”. Mesmo que não se utilize de métodos violentos ou métodos suaves de privação e correção – como a prisão –, o corpo ainda é a chave da punição: “do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão” (FOUCAULT, 1987).

Fanon (2008) intensifica essa observação, do conceito de corpo como sendo político, em sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, ao narrar experiências que ilustravam as cargas simbólicas negativas que até uma criança já carregava e reproduzia: “Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...” (FANON, 2008, p. 106).

O fato de uma criança ser o enunciador elucida uma coisa das sociedades racistas, das manifestações do racismo e das tecnologias de difusão e estruturação de poder: os processos simbólicos/políticos/ideológicos/culturais são tão fortes quanto os processos de repressão e coerção, principalmente, no Brasil, nos modos de articulação das ideologias racistas (isso será comentado mais à frente). Nesse sentido, as ideologias fazem com que o ser negro assimile e acredite no discurso de superioridade branca:

esses processos sociais/ideológicos têm muitas implicações na saúde mental desses indivíduos.

Souza (1983) indica que a pesquisa de análise da ascensão do ser negro no Brasil implica em falar diretamente sobre violência. Ela sustenta, nesse contexto, essa assertiva por meio de duas injunções 1. encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco (SOUZA, 1983) 2. recusar, negar e anular a presença do corpo negro (FANON, 2008). O ponto de flexão, isto é, de problemáticas à Saúde mental é instigado quando as pressões exteriores ao corpo, mas, ao mesmo tempo, compartilhadas pelo próprio corpo negro (em sociedades periféricas, colonizadas) entram em atritos.

De um lado o ser humano negro é responsável pelo seu corpo, raça e pela suas ancestralidade (FANON, 2008, p. 105); no entanto, por outro lado, o conhecer o próprio corpo resulta em mais violência e o não reconhecimento do próprio corpo se constitui uma violência em si. Isso pode-ser observado quando Fanon (2005) diz que “Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão [...] – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros [...]” (FANON, 2008, p. 105-106).

Vários pensadores de diversas épocas tiveram contribuição para o binômio mente/corpo dentre eles Platão, Descartes, entre outros. Toda pessoa tem seu corpo e, portanto, suas particularidades corpóreas; contudo, além disso, toda pessoa tem um corpo vivido, ou seja, cada indivíduo tem uma relação com seu corpo que envolve formas de ocupar o espaço, pontos de exteriorização de emoções e de se relacionar com o mundo.

O ser humano possui várias esferas formadoras que são as bases para os nossos comportamentos e para a nossa constituição enquanto indivíduos: papéis que realizamos nos vários âmbitos de nossas vidas; a esfera cultural; trabalhos; esfera política e outras particularidades. Somos um ser biopsicossocial com acréscimo da cultura e da espiritualidade. Essas particularidades nos constituem seres humanos, pessoas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013).

Tomando a fala de Cassel (2004), dentro da óptica da saúde mental, corpos não sofrem, pessoas sofrem. “O corpo é ao mesmo tempo dentro e fora de mim, podendo ser fonte de segurança e orgulho, ou de ameaça e medo.” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Logo, se o exterior está de todos os modos (como veremos mais à frente), nas sociedades e/ou países periféricos/colonizados, procurando historicamente a supressão,

apagamento e a detração das identidades e símbolos negros, como fica a situação interna desses corpos e mentes a partir desses construtos exteriores? Seria, além das próprias estruturas racistas, o ser negro condicionado a uma auto supressão/auto apagamento/auto detração simbólica?

Neusa Santos Souza (1983) aponta que a história da ascensão do ser humano negro é indissociável da construção de sua emocionalidade. Nesse sentido, a autora infere a emocionalidade do(a) negro(a) como “um elemento particular que se subordina ao conjunto mais geral de injunções da história da formação social onde ele (ela) se inscreve” (SOUZA, 1983, p. 19). Sobre as relações psicossociais e representativas do(a) negro(a), nas sociedades onde ocorreram processos de escravidão e difusão das ideologias racistas, Souza (1983) fala que

tendo que livra-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo outra concepção positiva sobre si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar espaço de branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social (SOUZA, 1983, p. 19).

Neusa Souza (1983, p. 33) indica de um modelo por meio do qual o indivíduo possa se construir: “Um modelo que recupere o narcisismo original perdido, ainda que através de uma mediação: a idealização dos pais, substitutos e ideais coletivos. Esse modelo é o ideal de ego”. (SOUZA, 1983, p. 33). Nesse sentido, o ideal de ego dos seres negros, em sociedades racistas, é branco (SOUZA, 1983).

A mimetização, isto é, os processos de transformação/imitação/apagamento como, por exemplo, o alisamento capilar; tal processo é uma manifestação desse ideal de ego branco naturalizado nos imaginários sociais de indivíduos, incluindo, inclusive, os(as) negros(as). Além disso, esse exemplo ilustra a naturalização das ideologias racistas nos imaginários sociais, em especial, no Brasil. Tais processos se configuram como construções históricas e culturais.

As acepções de Backzo (1991) são oportunas, nesse sentido, no momento em que entendemos a interessante construção dessa noção de imaginário social quando ela fala que

ao longo da história, as sociedades se entregam a uma invenção permanente de seus próprias representações globais, como muitas ideias-imagens pelas quais eles dão uma identidade, percebem suas

divisões, legitimam seu poder ou elaboram modelos formadores para os seus cidadãos [...]. Essas representações da realidade social (e não reflexões simples dele), inventado e feito com materiais retirados do fluxo simbólicos, eles têm uma realidade específica que reside em sua própria existência, em sua impacto variável nas mentalidades e comportamento coletivo, no múltiplas funções que exercem na vida social (BACKZO, 1991, p. 8, *tradução minha*).

Através deste aporte trazido por Bazcko (1991), pode-se entender como “Imaginários sociais” os agrupamentos de relações imagéticas que agem como um substrato ideológico acumulado pela sociedade por meio das relações culturais/comunicativas/pedagógicas mediadas e não mediadas. Dentro desses agrupamentos observar-se um encontro entre os conceito de cultura e ideologia que permite a um grupo dominante, nesse cenário, a branquitude, fazer-entender suas ideias e, por conseguinte, de certo modo, naturalizá-las.

Nesse sentido, o racismo discursivo, institucional e estrutural é também proferido pelos próprios indivíduos objetos dessas ações (os homens e mulheres negras). Isso multiplica os discursos, modos e atos racistas. Esses altamente prejudiciais para a sanidade mental do ser negro.

As pessoas institucionalizadas no manicômio “Colônia”, da cidade de Barbacena, são, de um modo geral, os já marginalizados, os subalternos e considerados inferiores na sociedade brasileira. Observar-se o grande número de pessoas negras nos registros fotográficos de Luiz Alfredo que podemos analisar em Toledo (2008).

A “loucura” designada a tais indivíduos marginalizados se configura como sendo da ordem do controle social no campo discursivo, simbólico e coercitivo. Eliane Brum ressalta no prefácio do livro que

Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças (ARBEX, 2013).

O conceito de poder, subalternidade e imaginário social são importantes dentro dessas discussões referentes às sanidades mentais de pessoas negras, dado os construtos, manifestações e articulações dos poderosos. A branquitude, ideal de ego das sociedades

brasileiras, pelo fato das ideologias racistas/eugenistas/de superiorização providas dos processos de colonização, se articula pelos meios simbólicos (além dos meios de coerção), pelos imaginários sociais. Os subalternos, os quais sofrem as pressões, detrações e apagamentos pelas ideologias dominantes, são os indivíduos que sofrem nas relações assimétricas, de poder.

Fanon (2008) desenvolve a partir de anedotas, remissões teóricas e comentários sócio-políticos um método transdisciplinar para discorrer sobre as construções simbólicas de estigmatização do ser negro e dos processos de subalternização.

Observa-se na passagem narrada pelo autor “preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto!” (FANON, 2008, p. 106-107), o discurso hegemônico branco de superioridade em detrimento ao ser negro. É uma construção simbólica carregada de estigma de significantes negativos com o intuito de estabelecer as regras de poder, os modos de poder: as relações de poder.

Cercado por instrumentos e tecnologias de opressão tangíveis e intangíveis, o ser negro/o corpo negro sofre em diversas dimensões. nos focaremos, no entanto, no nível social, ontológico. A exemplo, as articulações das ideologias racistas nos níveis dos imaginários sociais, historicamente acumulados/transformados, como 1. esforços racistas exteriores ao corpo/individualidade negra operacionalizados por imaginários sociais imersos em ideologias racistas/eugenistas

2. Processos de automutilação simbólica também operacionalizados pela estrutura ideológica dos imaginários 3. processos individuais de apagamento das identidades gerando não reconhecimento e fragmentação do indivíduo (HALL, 2003), isto é, desarticulações de identificação identitária que ocasionam/fundamentam, portanto, procedimentos como a já referida mimetização.

Todos essas articulações supracitadas contribuindo, conseqüentemente, para processos de desgaste de saúde mental. Todos essas, no entendimento deste trabalho, estão ligadas à solidão, à loucura, à tristeza e conceitos derivados. Essas estruturas de poder, manutenção de poder e de subalternização/manutenção de subalternização são as bases propiciadoras as quais possibilitaram os eventos acontecidos na cidade mineira de Barbacena.

O fato de muitos dos internados serem pessoas estigmatizadas e pertencerem a minorias políticas está diretamente ligado à atribuição de “louco”. Esse conceito se configura como umas das designações de deslegitimação, de nível ontológico, para com

os subalternos. Ou seja, o ser negro, mulher, LGBTQ+ etc. concebido como uma existência inerentemente negativa, isto é, o ser enquanto enquanto ser apagável e menorizado: uma existência punitiva.

O colônia, como instituição disciplinar (FOUCAULT, 1987), seria o local de controle, apagamento e instrumentalização desses corpos negros não se interessando das condições corpóreas/mentais (o que é para os atuais padrões de acolhimento, um violento paradoxo). Muitos dos internados no colônia nem sequer tinham a comprovação/avaliação médica de algum tipo de distúrbio psíquico para estar lá (ARBEX, 2013).

Nesse contexto, a ideia de Foucault (1987) de uma microfísica do poder, no que tange à tecnologia política do corpo negro, se torna pertinente quando compreende-se que trata-se dos jogos feitos “pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças” (FOUCAULT, 1987, p. 29).

3. O “COLÔNIA” COMO MANIFESTAÇÃO DE UM CENÁRIO PROPÍCIO PARA A PSICOPATOLOGIZAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA

A aceção da psicopatologização da população negra deve ser abordada em um perspectiva estrutural, tendo como base o racismo entendido como estrutural: um processo histórico, cumulativo e naturalizado. O passado, as configurações sociais passadas e os mecanismo societários são os moldes para a formulação de identidades, de egos, autoestimas, ideais de ego e outras estruturas da psique da comunidade negra no Brasil.

Inicialmente, é válido destacar que os termos “psicopatologia” e seus derivados são utilizados no presente trabalho no sentido de um discurso (logos) sobre o sofrimento (pathos), psíquico (psychê), assim como fala Oda e Oliveira (2005). Ao usar o termo psicopatologia, me refiro ao sofrimento e adoecimento em suas dimensões anímicas, passionais, morais ou mentais.

O breve panorama traçado por Oda e Oliveira (2005) propicia significativos alicerces para as proposições deste trabalho. A partir de vários documentos, a exemplo, textos de médicos (livros, teses, artigos em revistas médicas da época); estatísticas policiais publicadas em relatórios oficiais e respectivas observações das autoridades e ainda estatísticas referentes a internações em hospitais de caridade e em hospícios de

alienados contidas nos mesmos relatórios; processos judiciais e inquéritos policiais entre outros, os pesquisadores investigam e dimensionam a “Loucura”, o “suicídio” e demais questões ligadas à saúde mental tendo o fator raça como prisma norteador de pesquisa.

Com relação à Bahia, Oda e Oliveira (2005) pesquisaram relatórios publicados num período de cerca de 40 anos (entre 1848 e 1889) sendo que se encontraram estatísticas ou observações referentes a suicídios em vinte e quatro deles, editados entre 1848 e 1883. No total, foram computados, na província, 401 suicídios e 87 tentativas do mesmo, somando 488 ocorrências.

Em um primeiro momento, parece necessário, para discorrer sobre o cenário que fundamentou o “Holocausto brasileiro”, esquematizar algumas elaborações relacionadas ao Poder, ao conceito de não lugar e Subalternidade. Nesse sentido, algumas formulações (no nível simbólico) estruturadoras e estruturantes para os acontecimentos em Barbacena são 1. Discurso de Higienização Social provindo das ideologias eugenistas (compartilhado no institucional e social, no nível macro e microsocial. Esse compartilhamento gerando, portanto, legitimação) (FERREIRA, 2017).

2. Abertura (histórica) brasileira às ideias eugenistas (FERREIRA, 2017) 3. Subalternidade dos grupos minoritários 4. como apontam os pesquisadores Oda e Oliveira (2005), um cenário psicopatologias.

No entanto, é válido ressaltar 5. as tecnologias de apagamento de violências e violências simbólicas as quais contribuem para violências da ordem da inexistência, isto é, o discurso da democracia racial ou mito da democracia racial e demais variantes que fundamentam o esquema de violência > apagamento da violência > não percepção de violência > mais violência/violência simbólica.

Tais estruturas evidenciam a sofisticada articulação dos modos de dominação e de manifestação de poder, principalmente, no que se refere à Raça como conceito ideológico, neste trabalho da ordem do pensamento de Thompson (1995). Todos esses processos imersos nos imaginários sociais do(a) brasileiro(a) são fatores que devem ser levados em consideração na discussão referente à Saúde Mental, à psicopatologização do indivíduo negro.

Este trabalho compartilha e se fundamenta, portanto, nas sistematizações construídas por Oda e Oliveira (2005) referentes aos registros de suicídios de escravos em São Paulo e na Bahia (1847-1888). Fica aparente, portanto, a ligação histórica que a

população negra tem com os conceitos de sofrimento, loucura e com a psicopatologias, no caso dos autores mais especificamente o suicídio.

Nesse sentido, é pertinente mencionar que o sofrimento não é o mesmo que dor, “embora a dor possa levar a um sofrimento, mas não é qualquer dor que nos faz sofrer. Da mesma forma, o sofrimento não equivale a uma perda, embora as perdas possam, ocasionalmente, nos fazer sofrer (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013. p. 32)

De tal forma, por meio da já mencionada perspectiva multidimensional e sistêmica proposta por Cassell (2004 apud MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013), podemos entender o sofrimento como essa vivência da ameaça de ruptura da unidade/identidade da pessoa.

Tal modelagem nos permite que a abordagem do sofrimento psíquico – seja ele enquadrado nas situações descritas como sofrimento mental comum ou nos casos de transtornos graves e persistentes, como as psicoses – possa adquirir maior inteligibilidade e estratégias de ação mais racionais, abrangentes, e menos iatrogênicas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013. p. 32).

O sofrimento seria 1. essa vivência da ameaça de ruptura da unidade da pessoa presença em um limbo, um local de interseção, entre as raízes africanas e os construtos brasileiros, segundo proposta multidimensional de Cassel (2004 apud Ministério da Saúde, 2013). Essas mudanças psicológicas estruturais também podem ser observadas na fala de Fanon (2008) referentes aos deslocamentos comportamentais (ou “mecanismos”) ligados aos processos de escravidão.

A compreensão do espaço da instituição de Barbacena, o Colônia, como um espaço de obliteração de egos e emocionalidades, já fragilizadas, sem autoestima e em (ou no processo) de idealização de ego branco e as tecnologias simbólicas de implementação do racismo no Brasil são da ordem, na perspectiva deste trabalho, da desarticulação do encontro do indivíduo negro com seu próprio eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além de trazer respostas para uma discussão tão densa e complexa, o presente artigo objetiva fomentar questionamentos sobre as manifestações do racismo estrutural na psique de pessoas negras no Brasil. Através do exemplo dos fatos ocorridos no “Colônia”, o trabalho caminha para os questionamentos: Quais os impactos das iniquidades sociais para a constituição de emocionalidades e egos do povo negro?

Quais as rupturas e psicopatologias que as pessoas negras sofrem? Tais questionamentos se tornam de extrema pertinência ao passo que se observa os números de violências para com tal população.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro** / Daniela Arbex. – 1. ed. – São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BRUM, Eliane. **Os loucos, os normais e o Estado** (artigo de internet). São Paulo: revista época, 2013. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/06/os-loucos-os-normais-e-o-estado.html>. Acesso em: 14 de Out de 2018.

CASSEL, E J. **The nature of suffering and the goals of medicine**. Oxford University Press, 2004.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2018**. São Paulo: IPEA, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso: 14 de Nov de 2018.

IPEA; Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Ipea: radar social: capítulo saúde** [internet]. Brasília: Ipea; 2006 [citado 2017 Dez]. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/100128_mapas_ipea_apresentacao.pdf>. Acesso: 10 nov. 2017.

FERREIRA, Tiago. **O que foi o movimento de eugenia no Brasil: tão absurdo que é difícil de acreditar**. (artigo para internet) Geledés, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>. Acesso: 12 de Dez de 2018.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONÇALVES, Juliana. **Um olhar sobre a saúde mental do negro no Brasil** (artigo de internet) Geledés, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/um-olhar-sobre-saude-mental-do-negro-no-brasil/>. Acesso: 09 de Nov de 2018.

LORENZO, Ricardo de. **Sobre a insanidade mental entre cativos e libertos** (Porto Alegre, século XIX). Porto alegre: Universidade do Rio grande do Sul, 2005.

Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/ricardo%20de%20lorenzo%20completo.pdf>. Acesso em 10 de Set de 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Caderno número 34**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

NEVES, Marlene Strey et al. **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ODA, Ana M. G. R. e OLIVEIRA, Saulo Veiga. **Registros de suicídios entre escravos em São Paulo e na Bahia (1847-1888)**: notas de pesquisa. Porto alegre: Universidade do Rio grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos3/ana%20maria%20galdini%20saulo.pdf>. Acesso: Acesso em 10 de Set de 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2th ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. Disponível em <<https://is.gd/uZiFcU>>. Acesso em: 02 jun. 2018

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: a vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições graal, 1983.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TOLEDO, Jairo Furtado (organizador); fotografias Luiz Alfredo. **Colônia**: uma tragédia silenciosa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, 2008.

TRUFFI, Renan. (matéria) Holocausto brasileiro: 60 mil morreram em manicômio de Minas Gerais. Disponível em: <https://bit.ly/2zuLs3X>. Acesso em 28 de Nov de 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos - 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.